

Aula 12

O debate teórico sobre o neoliberalismo

EDA 0101
Prof. Daniel Tojeira Cara



Importante



Todos precisam acompanhar as aulas
com os dois textos em mãos





O que é neoliberalismo?



O que vocês já ouviram falar sobre neoliberalismo?



Leitura de Perry Anderson

“O **neoliberalismo** nasceu logo depois da II Guerra Mundial, na região da Europa e da América do Norte onde imperava o capitalismo. Foi **uma reação teórica e política veemente contra o Estado soviético e de bem-estar**. Seu texto de origem é O caminho da servidão, de Friedrich Hayek, escrito já em 1944.

Alvo principal: Partido Trabalhista inglês nas eleições de 1945

A mensagem de **Hayek** é drástica: “Apesar de suas boas intenções, a social-democracia moderada inglesa conduz ao mesmo desastre que o nazismo alemão – uma servidão moderna.”

Perry Anderson: *Balanço do neoliberalismo*



Projeto intelectual

Sociedade de *Mont Pèlerin* – criada em 1947: <https://www.montpelerin.org/>

Adversários do Estado de bem-estar europeu e inimigos do New Deal dos EUA

Ataque ao solidarismo distributivo – ou a redistribuição social – (relatório Beveridge) e às políticas anticíclicas (New Deal e keynesianismo)

Emergência (oportunidade) do neoliberalismo se dá pela crise da estagflação de 1973 (**recessão simultânea a uma forte disparada dos preços**).





Gestões neoliberais

- Chile: Governo Pinochet (1973/1975) – Hayek chega a dizer que prefere “**um ditador liberal a um governo democrático em que falta o Liberalismo**”;
- Reino Unido: Thatcher (1979);
- EUA: Reagan (1980), embora o keynesianismo militar;
- Alemanha: Kohl (1982);
- Dinamarca: Schluter (1983);
- Crise do Afeganistão: neoliberalismo reivindica a primazia na oposição ao regime soviético (1978).





■ Brasil: Eleutério Prado

- 1980 – 2015: **neoliberalismo transigente**
 - Privatizações e reformas neoliberais combinadas com expansão de direitos, ainda que insuficientes
 - Manutenção do **tripé macroeconômico** (câmbio flutuante, meta de inflação e meta fiscal desde 1999: governo FHC e governos petistas)
- 2016 até hoje: **neoliberalismo intransigente (ou ultraliberalismo ou ultraliberalismo obscurantista ou neoliberalismo regressivo)**
 - **Aliança com ultrarreacionarismo** – fim da República Nova ou tentativa de desconstrução do Pacto Constitucional de 1988: ataque aos direitos sociais, aos direitos civis e aos direitos políticos
 - Privatizações, EC 95/2016, Reforma Trabalhista, Reforma da Previdência e Reforma do Estado



A lógica neoliberal



2016



A lógica neoliberal – 2022

ESTADÃO Opinião • Política • Economia & Negócios • Brasil • Internacional • Esportes • Cultura • Últimas • Assine

INVESTIMENTOS

Verde Asset: “Quanto mais rápido a economia afundar, melhor”

Luiz Parreiras, sócio e gestor da Verde, diz que apesar da alta de juros, a desaceleração econômica ainda não começou

JENNE ANDRADE
jennefer.andrade@estadao.com

25/06/2022, 12:38

[Twitter](#) [Facebook](#) [WhatsApp](#) [LinkedIn](#) [Email](#)



Uallace Moreira 🇧🇷 🇰🇷

Seguindo

7.114 Tweets

Outro gestor da Verde Asset, Luiz Parreiras, é o que falou essa semana isso:

“..quanto mais rápido a economia afundar, melhor”

Para ele, o “auxílio” se prolongou demais.

Ou seja, deixa as pessoas morrerem de fome.

É uma gente repugnante.



investidor.estadao.com.br

Verde Asset: “Quanto mais rápido a economia afundar, melhor” - Inve...
“É horrível dizer isso, mas quanto mais rápido a economia afundar, melhor”. Essa foi a frase de Luiz Parreiras, respeitado gestor ...





Crítica de Hayek ao estado de bem-estar social

Parte 1 de 2

“As raízes da crise, afirmavam Hayek e seus companheiros, estavam localizadas no poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira mais geral, do movimento operário, **que havia corroído as bases da acumulação capitalista com suas pressões reivindicativas sobre os salários e com sua pressão parasitária para que o Estado aumentasse cada vez mais os gastos sociais.**

Esses dois processos não podiam deixar de terminar numa crise generalizada das economias de mercado. O remédio então era claro: **manter um Estado forte, sim, em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas.**
A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. [...]





Crítica de Hayek ao estado de bem-estar social

Parte 2 de 2

Para isso seria necessária uma **disciplina orçamentária**, com a **contenção dos gastos** com bem-estar, e a **restauração da taxa “natural” de desemprego**, ou seja, a **criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar sindicatos**. Ademais, reformas fiscais eram imprescindíveis, para incentivar os agentes econômicos. Em outras palavras, isso significava **reduções de impostos sobre os rendimentos mais altos e sobre as rendas**. Dessa forma, uma nova e **saudável desigualdade** iria voltar a dinamizar as economias avançadas...”

Cf. Perry Anderson, p. 10-11





Organismos internacionais

Parte 1 de 2

Bretton Woods: FMI e Banco Mundial nasceram keynesianos, viraram neoliberais.

No nascimento, o vínculo do **FMI** e do **Banco Mundial** com o keynesianismo é claro. O “Plano Keynes”, de 1943, visava o estabelecimento de uma autoridade monetária internacional. Embora tenha sido rejeitado de início, a proposta foi parcialmente adotada em 1944 na Conferência de Bretton Woods (Nova Hampshire, EUA) da qual Keynes participou como líder na delegação britânica.

As conferências de **Bretton Woods** definiram o Sistema Bretton Woods de gerenciamento econômico internacional e estabeleceram, em julho de 1944, as regras para as relações comerciais e financeiras entre os países mais industrializados do mundo. O sistema Bretton Woods foi o primeiro exemplo, na história mundial, de uma ordem monetária totalmente negociada, tendo como objetivo regular as relações monetárias entre Nações-Estado independentes.





Organismos internacionais

Parte 2 de 2

O **FMI** é a organização internacional criada por esse evento, a outra foi o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (International Bank for Reconstruction and Development, ou BIRD, mais tarde dividido entre o Banco Mundial e o "Banco para Investimentos Internacionais"). O objetivo inicial era ajudar na reconstrução do sistema monetário internacional no período pós-Segunda Guerra Mundial. □

Atualmente, de todos os Estados-membros da ONU, apenas Coreia do Norte, Cuba, Liechtenstein, Andorra, Mônaco e Tuvalu não integram o órgão. Desde o thatcherismo, o FMI está mais próximo de Hayek e Friedman do que de Keynes.

OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico)

A OCDE é uma organização internacional composta por 36 países que estabelece uma plataforma para comparar políticas econômicas, solucionar problemas comuns e coordenar políticas domésticas e internacionais.

A maioria dos membros da OCDE é composta por economias com indicadores positivos elevados, como PIB per capita e IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Ou seja, são considerados países desenvolvidos.

A OCDE teve origem em 1948 com o intuito de ajudar a gerir o Plano Marshall, dedicado a reconstruir a Europa após a Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, a sua filiação foi estendida a Estados nacionais não europeus.





Neoliberalismo: termo em disputa

- Usado pelos críticos
- “Abandonado” por seus adeptos, por ser desnecessário

O neoliberalismo é sistêmico, mas também se apresenta como antissistêmico e contraditório: □

“Como o projeto neoliberal seria paradoxalmente definido pela intangibilidade de seu objetivo fundamental – o governo de mercado sem atritos –, não é tanto o seu objetivo utópico, mas as oscilações em torno da expectativa frustrada que moldam o neoliberalismo como forma contraditória que recorre sempre novamente (sic) a uma envergonhada re-regulamentação estatal.”

Andrade, p. 216





Lembrem-se:



Para cada necessidade, um modelo de Estado. (1ª aula)





Contribuição foucaultiana

“Além de disciplinar condutas, o neoliberalismo promove um autogoverno dos indivíduos de modo que eles se conformem a certas normas.”

Atenção: o neoliberalismo não é um limitador, mas um constituidor do Estado.



Atenção: "Este Estado muitas vezes foi erigido por **governos de esquerda** que, **acreditando contrariar o neoliberalismo ao “modernizar” a burocracia**, acabam por realizar as **reformas que consolidam sua racionalidade.**”

“A legitimidade do Estado acaba atrelada à sua capacidade de garantir e alimentar a racionalidade econômica.”



Neoliberalismo e democracia

“Wendy Brown (2003) acrescenta que o **neoliberalismo coloca a democracia liberal em risco**. O Estado neoliberal – enxergando por toda parte agentes de mercado e vendo-se como empresa – estabelece como seu critério considerações de rentabilidade.

Dissemina por toda a vida social, cultural e política modos de recompensa institucionais que acabam por criar efetivamente a concepção preconcebida. A legitimidade do Estado acaba atrelada à sua capacidade de garantir e alimentar a racionalidade econômica.”





Contribuição marxista

Parte 1 de 4

“Segundo a abordagem estrutural marxista, o neoliberalismo é definido como estratégia política que visa reforçar uma hegemonia de classe e expandi-la globalmente, marcando o novo estágio do capitalismo que surgiu na esteira da crise estrutural da década de 1970. O neoliberalismo se caracteriza por uma ordem social em que uma nova disciplina é imposta ao trabalho e novos critérios gerenciais são estabelecidos, servindo-se de instrumentos como o livre comércio e a livre mobilidade de capital.”

Esse modelo legitima-se ideologicamente por meio de uma teoria político-econômica que afirma o livre mercado como garantidor da liberdade individual de empreender e que confere ao Estado o papel mínimo de reservar a ordem institucional necessária.

A crescente desigualdade se justificaria como meio de estimular o risco dos empreendedores e a inovação, elementos centrais da competitividade e do crescimento econômico.”





Contribuição marxista

Parte 2 de 4

Harvey:

Podemos, portanto, interpretar a **neoliberalização** seja como um projeto utópico de realizar um **plano teórico de reorganização do capitalismo internacional** ou como um **projeto político de restabelecimento das condições de acumulação do capital e de restauração do poder das elites econômicas**. **Defenderei a ideia de que o segundo desses objetivos na prática predominou**. *A neoliberalização não foi muito eficaz na revitalização da acumulação de capital global, mas teve notável sucesso na restauração ou, em alguns casos (a Rússia e a China, por exemplo), na criação do poder de uma elite econômica*. O **utopismo teórico de argumento neoliberal, em conclusão, funcionou primordialmente como um sistema de justificação e de legitimação do que quer que tenha sido necessário fazer para alcançar esse fim**. Os dados sugerem, além disso, que **quando os princípios neoliberais conflitam com a necessidade de restaurar ou sustentar o poder da elite, esses princípios são ou abandonados ou tão distorcidos que se tornam irreconhecíveis**

(Harvey, 2008: 27).





Contribuição marxista

Parte 3 de 4

A dinâmica geral do capitalismo sob o neoliberalismo operou em benefício das camadas mais altas de renda. A nova estratégia seria o resultado de um compromisso entre as classes capitalistas e a camada superior da classe gerencial, constituindo uma ordem social assentada sobre a hegemonia financeira. A configuração de classe sofreu uma parcial alteração, incorporando, ao lado de estratos tradicionais, novos empreendedores dos setores da computação, internet, comunicação e do varejo, além de reforçar a participação de financistas e CEOs. Duas tendências gerais foram observadas. Primeira, a fusão dos privilégios da propriedade com os da gerência por meio da remuneração dos CEOs com opções de ações, impondo a valorização financeira como guia das atividades. Segunda, a redução da separação entre capital rentista e produtivo, com grandes corporações assumindo orientações crescentemente financeiras sem deixar de se voltar para a produção e o comércio (Harvey, 2008: 40-41). Essas tendências vinculam-se à expansão e sofisticação da atividade financeira, com sua integração global, à desregulamentação das operações, à constituição de novos mercados de securitização, derivativos e futuros e à ampliação da massa de ativos e passivos (Harvey, 2008: 41; Duménil & Lévy, 2014: 43).





Contribuição marxista

Parte 3 de 4

Paralelamente, Harvey (2008: 172-178) chama atenção para os mecanismos de “acumulação por espoliação”, ou seja, o caráter contínuo de formas de acumulação que Marx acreditou estarem presentes apenas no início do capitalismo, caracterizadas pelo furto, pela rapinagem e pelo uso da violência, até mesmo por parte do Estado. Seus métodos atuais são:

1. Privatização e mercadização;
2. Financialização;
3. Administração e manipulação de crises;
4. Redistribuições via Estado.





Contribuição marxista

Parte 4 de 4

“O Estado joga um papel decisivo no neoliberalismo. O ímpeto de restauração do poder de classe distorce na prática a teoria do Estado mínimo.”

Os resultados das políticas neoliberais em termos de crescimento econômico global são vistos pelos marxistas como medíocres, sendo o seu verdadeiro sucesso a ampliação dos lucros, o controle da inflação, a redução dos salários, o aumento da desigualdade social e a expansão da mercadorização. O lucro não se converte em crescimento, pois não é investido produtivamente, mas especulativamente, o que apenas promove transferência de renda dos mais pobres para os mais ricos (Anderson, 1995; Harvey, 2008; Duménil & Lévy, 2014). Diante da crise de 2008, Duménil e Lévy (2014) diagnosticaram uma crise estrutural resultante do caráter insustentável da estratégia neoliberal, marcando o início da transição para um novo regime de acumulação.”





Contribuição bourdieusiana

Parte 1 de 3

A visão de Bourdieu foi exposta nos dois volumes da coletânea *Contrafogos* (1998 e 2002), cujo artigo mais sistemático é “**Neoliberalismo. Esta utopia, em vias de realização, de uma exploração sem limite**”. Nesse texto, Bourdieu considera a concepção do mercado autorregulador como uma utopia da teoria econômica convertida em projeto político, embora seja apresentada como mera descrição científica do real (Bourdieu, 1998: 135). **A visão idealizada do mercado é construída de maneira lógico-dedutiva na teoria pura neoclássica, por meio de modelos matemáticos que raramente são colocados à prova e que desdenham as ciências históricas.**

Os economistas são inclinados assim a confundir “as coisas da lógica com a lógica das coisas” (Bourdieu, 1998: 135-136 e 144). Ao partir de pressupostos falsos, reduzem a racionalidade à concepção estreita da racionalidade individual, ignorando as condições sociais que produzem a disposição calculadora (Bourdieu, 1998: 136).





Contribuição bourdieusiana

Parte 2 de 3


“A análise do neoliberalismo operou um deslocamento na obra final de Bourdieu (Bourdieu, 2001; Laval, 2018). Ao manter o mesmo esquema conceitual anterior, o autor o reativa para pensar a nova estrutura da dominação social e a formação histórica das disposições necessárias à inclusão na economia capitalista. No neoliberalismo, a sociedade francesa passou a uma estrutura na qual a ciência econômica tomou o lugar da filosofia, o capital econômico ganhou em importância frente ao capital cultural, a mídia tomou o terreno da escola no exercício da “violência simbólica” e o Estado foi cada vez mais controlado pela alta função pública fundida com dirigentes financeiros. Como o neoliberalismo estende a lógica econômica a todos os campos – assentando-a como a racionalidade em geral –, Bourdieu procurou mostrar a gênese social dessas disposições e da autonomização do campo econômico. Sua teoria do habitus passou a operar como suporte metodológico da desconstrução histórica dos valores da conduta econômica racional, desfazendo o idealismo universalista que permite à teoria econômica produzir evidências e estabelecer leis pretensamente neutras, mas politicamente eficazes.”

Obs.: ver “disposições” e “habitus” na teoria bourdieusiana.



Contribuição bourdieusiana

Parte 3 de 3

Loïc Wacquant (2012): O autor reconhece um núcleo institucional do neoliberalismo que “consiste numa articulação entre Estado, mercado e cidadania que aparelha o primeiro para impor a marca do segundo à terceira” (Wacquant, 2012: 510). 

“O que há de novo no neoliberalismo é, justamente, a reengenharia e a reestruturação do Estado como principal agência que conforma ativamente as subjetividades, as relações sociais e as representações coletivas apropriadas a tornar a ficção dos mercados real e relevante” (Wacquant, 2012: 507).



Contribuição weberiana

Parte 1 de 2

Na linha teórica de Max Weber, destaca-se o trabalho de William Davies (2014). Ao analisar o governo da Terceira Via britânica da década de 1990, **Davies nota que não havia uma redução do Estado, mas uma expansão das políticas públicas no sentido de melhorar a “competitividade nacional”**.

A definição de neoliberalismo, segundo Davies (2014), é “**uma tentativa de substituir os julgamentos políticos por uma avaliação econômica, incluindo, ainda que não exclusivamente, as avaliações oferecidas pelo mercado**”. Mesmo que as lógicas políticas e econômicas sejam plurais, a característica definidora central de toda a crítica neoliberal é a sua hostilidade à ambivalência do discurso político, e um compromisso com o caráter explícito e a transparência dos indicadores econômicos quantitativos, dos quais o modelo é o sistema de preços de mercado. **Neoliberalismo é a busca do desencantamento da política pela economia** (Davies, 2014: 4).





Contribuição weberiana

Parte 2 de 2

“As novas autoridades são os especialistas que estabelecem as regras e as arenas de competição, que desenvolvem técnicas de pontuação e ranqueamento e que oferecem consultorias para competidores em ambientes imprevisíveis (regulador, risk manager, estrategista, coach e gurus) (Davies, 2014: 29).”

Obs.: observem o papel desempenhado pelas fundações e associações empresariais dedicadas à educação, via-de-regra vinculadas ao sistema financeiro. Em especial, observem o papel desempenhado pela associação de base empresarial “Todos pela Educação” e Fundação Lemman.



Definição hibridismo governamental

Aihwa Ong

“O neoliberalismo é caracterizado pela gestão de si via cálculo econômico nas diferentes esferas da vida, reforçando a autorresponsabilização dos indivíduos.”

“A partir dos países liberais avançados, a lógica neoliberal viajou para ambientes tão variados quanto Estados militares, oligarquias pós-socialistas, formações autoritárias e ex-colônias, sem substituir suas práticas políticas.

Essas forças passam a operar conjuntamente, reconfigurando espaços que não são previamente definidos, mas constituídos pela atuação desse agenciamento.”



Definição neorregulacionista

Peck: neoliberalismo é crítico ao Estado e, ao mesmo tempo, tem por objetivo principal capturá-lo e transformá-lo.

Reação: no Brasil, destaque para a Campanha Nacional pelo Direito à Educação e campo do direito à educação.

“A neoliberalização também recebe sua dinâmica da contestação ao seu projeto e suas consequências. Em certos lugares e momentos, as resistências reais ou antevistas moldam o ritmo, a esfera e o público das reformas de mercado. Constituem-se, assim, “no-go areas”, ou zonas de incursão leve.

Em outras circunstâncias, criam-se redes de movimentos e atores produzindo reações, mesmo em nível internacional, obrigando os governos neoliberais a reverem suas estratégias e a alterarem sua racionalidade.”



Pierre Dardot e Christian Laval

Parte 1 de 9

Definição:

Segundo uma aceção muito difundida, o termo neoliberalismo se refere **tanto a uma ideologia que defende um “retorno” ao liberalismo originário** quanto a uma política econômica de retração do Estado que abre ainda mais espaço ao mercado. Em suma, a *caução de Adam Smith vem legitimar uma mercantilização implacável da sociedade.*

Em suma, não há nada de novo sob o sol da acumulação capitalista, ou melhor, como disse Foucault de um modo farsesco, é **“sempre a mesma coisa e sempre a mesma coisa pior”**.



Pierre Dardot e Christian Laval

Parte 2 de 9

“(…) deve-se prestar atenção às particularidades das condições em que surgiu o neoliberalismo: ele acabou prevalecendo numa sociedade permanentemente marcada por forte regulação administrativa em vários campos de atividade, devido ao espaço ocupado pelo Estado “social” e “educador”.

Esse modo de regulação estava fundado numa fictícia centralidade do “interesse geral” na definição das políticas, na prevalência do direito público na organização da ação social, na difusão de normas e formas de organização burocrática nos mais diversos setores, inclusive na produção de bens e serviços, no compromisso salarial entre as classes sociais e na distribuição dos ganhos de produtividade. Para minar e suplantiar essa poderosa racionalidade administrativa e burocrática, o neoliberalismo tinha que se constituir como uma forma “total” ou “transversal”, com base em um modelo de relação social que fosse transferível para todas as atividades. Tudo aconteceu como se a passagem de uma racionalidade à outra nova, em virtude de uma lógica que não é a de um mero confronto intelectual, impusesse a essa nova racionalidade que ela viesse a prevalecer mantendo a abrangência e a simplicidade de sua antecessora. Na verdade, o que estava em questão, muito mais do que a ideologia ou a política econômica, era um sistema eficaz de normas que operasse, desde o início, em termos de práticas e comportamentos.”





Pierre Dardot e Christian Laval

Parte 3 de 9

O neoliberalismo é um fenômeno totalmente novo.

“O capitalismo não cresce simplesmente porque conquista novos territórios, submete populações cada vez maiores, transforma em mercadoria todos os frutos da atividade humana. Certamente, este é o modo clássico da acumulação capitalista tal como foi analisado por Marx, Rosa Luxemburgo e Hilferding. Mas o capitalismo cresce também de outra maneira, a qual, mesmo sendo quase sempre esquecida, não é menos poderosa: a da difusão social de um sistema de regras de ação. Este sistema de normas ultrapassa largamente aquele da empresa para abraçar, por meio de um processo de ligações cruzadas, múltiplas instituições e relações sociais. Longe de ser, como se acredita, um obstáculo à extensão da lógica do mercado, o Estado tornou-se um de seus principais agentes, se não o seu principal vetor.”



Pierre Dardot e Christian Laval

Parte 4 de 9

“Sob seu controle [Estado], os instrumentos de política pública herdados da gestão social-democrática e keynesiana tornaram-se, paradoxalmente, alavancas para transformar, de dentro, a lógica de funcionamento da ação pública em função de uma mudança profunda da sociedade. Por isso, **é perfeitamente inepto pensar essa transformação nos termos convencionais como se viesse para limitar a intervenção governamental: ela não vem para limitá-la, mas, em certo sentido, vem para estendê-la, ou melhor, vem para transformar o Estado e para expandir a lógica do mercado.**”

Pierre Dardot e Christian Laval

Parte 5 de 9

“É esta pelo menos a tese deste trabalho: a autonomização e a extensão da concorrência não procedem da ação subterrânea de supostas “leis imanentes da produção capitalista”, algo que a concorrência veio impor a cada capitalista individual sob a forma de um “constrangimento externo”.

Muito ao contrário, elas são o efeito de práticas, técnicas, discursos que generalizam aquilo que no jargão gerencial é chamado de “melhores práticas” e que, portanto, vem homogeneizar para toda sociedade certas maneiras de fazer e de ser.”



Pierre Dardot e Christian Laval

Parte 6 de 9

“Marx apreendeu com clareza a lógica própria que a concorrência imprime a todo sistema capitalista. Longe de garantir uma coordenação espontânea das atividades que supostamente beneficia a todos, esta lógica, aos seus olhos, gera uma instabilidade crônica e crises recorrentes. Em uma passagem marcante de *A Miséria da Filosofia* (1847), ele respondeu nos seguintes termos a Proudhon que definira a competição como “emulação para a indústria”: “a competição não é emulação industrial, é emulação comercial. Na verdade, a emulação industrial só existe em função do comércio. **Há mesmo fases na vida econômica dos povos modernos em que todo mundo é tomado de uma espécie de vertigem para obter lucro sem produzir.**”





Pierre Dardot e Christian Laval

Parte 7 de 9

- Fundamental para a educação:

O fetichismo da quantidade

“Para pôr os indivíduos em concorrência, para empurrá-los ao máximo desempenho, é preciso pôr um preço sobre o que eles fazem e mesmo sobre o que eles são. Avaliar significa dar um valor aquilo que, posto nas condições específicas de um mercado, apresentaria um preço. Construir um quase-mercado, portanto, envolve a definição de uma quase-moeda. É preciso dispor de um sistema de informação que seja análogo ao sistema de preços que existe num mercado. Um sistema de mercado concorrencial requer um dispositivo de produção de valor.”





Pierre Dardot e Christian Laval

Parte 8 de 9

“Agir de modo eficaz se torna, então, agir apenas com base no sistema de informação de preços. E esse tipo de quantidade, de acordo com Hayek, torna-se o único “conhecimento relevante” para a ação: “a economia de mercado funciona atribuindo um índice numérico a cada tipo de recurso escasso, o qual não tem ligação alguma com qualquer característica desse recurso em particular, mas que reflete – e, assim, resume – o seu significado tendo em vista a estrutura da produção”.

Ideb:

“Codificar e quantificar uma atividade consiste precisamente em reduzi-la a uma dada informação, bem simples, a qual permite uma decisão rápida e, eventualmente, uma sanção mercantil, sem discussão. É bem essa lógica que se espalhou por meio da difusão das ferramentas que servem ao gerenciamento dos serviços e dos homens no mundo dos negócios e, agora, nos mais diversos campos de atividade. Por meio desses métodos e técnicas, toda uma disciplina contábil passa a regular a vida dos indivíduos.”





Pierre Dardot e Christian Laval

Parte 9 de 9

Fabricar a subjetividade contábil

“Trata-se de governar os indivíduos apelando aos seus interesses pessoais, fazendo com que entrem numa lógica contábil que põe metas quantificáveis que eles devem atender, assim como sanções que podem receber.”





Boa provocação

Francisco de Oliveira

“Uma boa pista é dada por Francisco de Oliveira. Para ele, em um mundo em que “o padrão da crise do desenvolvimentismo [Estado de bem-estar social desenvolvimentista] tornou-se o padrão normal do período neoliberal (OLIVEIRA, 2018, p. 68), a “educação se tornou não funcional para a melhoria do mercado de trabalho” (Ibid., p. 74).

Ou seja, a questão educacional perdeu a funcionalidade sistêmica que a fez ser incorporada pelo capitalismo, especialmente na forma do modo de produção social-democrata com a perspectiva do antivalor (OLIVEIRA, 1998).”

